

JORNAL DO BRASIL 06 MAR 1992

O panorama visto da ponte

*Geraldo Sampaio **

O que justifica o fatalismo e o pessimismo que parecem ter tomado conta de grande parte da sociedade brasileira? Serão os índices da inflação que, em menos de dois anos, baixaram de quase 2.000 para menos de 500%? Ou o fato de que, depois de duas desastrosas moratórias, recobramos a confiança nacional e estamos restaurando a credibilidade perdida?

O que terá ocorrido com o famoso otimismo nacional, traço histórico e indelével do nosso caráter? Cansamos das frustrações que nos perseguem desde 84 com a derrota das "diretas já", desde 85 com a morte de Tancredo, desde 86 com o fracasso do Plano Cruzado e desde 88 com uma Constituição que agravou, em vez de resolver nossos problemas? Ou, ao contrário, tudo é fruto da circunstância de que estamos adquirindo traços visíveis do Primeiro Mundo sem percebermos?

Essas indagações que inquietam a todos sugerem, pelo menos, algumas reflexões.

Continuamos, sem dúvida, com imensos e desafiadores problemas. A inflação ainda é alta? Muito. Passamos por uma recessão econômica? Inquestionavelmente. Persiste a histórica marginalização social de grande parte da população brasileira? Certamente. Mas há quantos anos convivemos com um regime inflacio-

nário, quantas recessões vivemos nos últimos anos e há quantos séculos marginalizamos enormes parcelas de nosso povo dos benefícios coletivos?

O fato de que esses problemas sejam imemoriais não justifica que nos conformemos com eles. Menos ainda que os ignoremos. Mas, em contrapartida, não podemos desconhecer os esforços que começam a dar fruto, na direção certa. As frustrações brasileiras podem até abater nosso ânimo coletivo, mas não podem nos ensandecer, a ponto de ignorarmos a realidade que o Brasil começa a viver.

Visto de fora, o Brasil é, hoje, muito mais promissor do que há dois, três ou 10 anos. Na recente conferência econômica mundial, realizada na Suíça em meio a previsões pessimistas quanto ao crescimento mundial, o economista e ex-primeiro-ministro francês Raymond Barre, relator do encontro, destacou como fato promissor o surgimento de três novos pólos inevitáveis de dinamismo econômico, convivendo com os três megablocos mundiais: a China, a Índia e o Brasil. Uma semana depois, o secretário-geral da ONU, o egípcio Boutros Gali, declarou na Europa que esperava ver concretizada, como medida de justiça, a incorporação de cinco novos países como membros permanentes do Conselho de Segurança daquele organismo, pela importância do seu protagonismo político internacional: Alemanha, Índia, Japão, Brasil e Itália.

Confirmando essas manifestações, que podem não ter repercussão interna, mas têm inestimável dimensão internacional, os empréstimos conseguidos nos mercados europeus, por empresas brasileiras, superaram, em 1991, um ano de crise, mais de 5 bilhões de dólares.

Afinal, o que será que está se passando na ótica dos estrangeiros e dos brasileiros que vêem o Brasil com olhos diferentes? Terão eles assimilado o nosso histórico otimismo, ou teremos nós sido contagiados pelo tradicional pessimismo dos povos que passaram por guerras, catástrofes e períodos de fome e miséria?

Um estrangeiro que há muitos anos vem frequentemente ao Brasil, por dever de ofício, deu-me outro dia uma explicação que, se não é verdadeira, parece-me pelo menos convincente:

"O que se passa com vocês, brasileiros, é que continuam a ver o Brasil por baixo da ponte, enquanto nós, que o olhamos de fora, temos o privilégio de avaliar o país como ele é, com a sua verdadeira dimensão. Daí a diferença dos panoramas: nós o vemos de cima da ponte."

Não seria o caso, por um momento, pelo menos, de subirmos à ponte e olharmos lá de cima o panorama que, aqui debaixo, não conseguimos ver e nem ao menos vislumbrar?